

COMO VIVEM IDOSOS DO MEIO RURAL NO INTERIOR DO RS

Juliana Rohde
Eduarda Corrêa Lasta
Sílvia Virginia Coutinho Areosa

RESUMO

O envelhecimento populacional em curso em quase todo o mundo também ocorre no Brasil, uma vez que, no ano de 2010 os idosos representavam 11% da população. (CAMARANO; KANSO; FERNANDES, 2016). Este panorama gera a demanda de pesquisas acerca do envelhecimento, no entanto estas costumam ser realizadas nos espaços urbanos, de forma que os idosos da zona rural ficam à margem destes estudos. Além disso, estas pessoas também são prejudicadas no acesso a aspectos importantes para sua qualidade de vida, como a saúde por exemplo. Isso é explicado pela distância e dificuldade de deslocamento. (TAVARES et. al., 2015). No intuito de conhecer as condições de vida dos idosos do meio rural, a Universidade de Santa Cruz do Sul, através de edital do Conselho Municipal do Idoso, vem realizando a pesquisa “Estudo socioeconômico e demográfico da população idosa rural de Santa Cruz do Sul, RS”. Nesse contexto, nosso trabalho apresenta aspectos do idoso rural de Santa Cruz do Sul, relacionados a renda, moradia e educação. Tal discussão dá-se em torno de dados secundários a respeito das localidades onde a pesquisa está acontecendo, e utilizam como fonte o último censo demográfico do ano de 2010. A análise dos dados apontou que no meio rural o percentual de idosos em relação à população total é ainda mais expressivo. Buscando justificar este fenômeno, Froehlich *et. al.* (2011) falam do intenso e homogêneo êxodo rural até a década de 80, uma vez que famílias inteiras migravam para o meio urbano. Nas últimas décadas este processo se modificou, e hoje os que mais migram para as cidades são os jovens, de modo que acabam ficando mais idosos no espaço rural. Também há a questão da aposentadoria rural, política pública que tem contribuído para a permanência dos idosos neste território. Os dados também demonstram que neste ambiente as pessoas com mais de 60 anos são responsáveis por um número significativo de domicílios, contribuindo consideravelmente com as despesas do núcleo familiar no qual estão inseridos. Em contrapartida, evidencia-se que o percentual de alfabetização no meio rural é mais baixo, permitindo que se pense que na época em que estes idosos estavam em idade escolar a educação não era vista como prioridade na família brasileira, e as crianças passavam a integrar muito cedo a força de trabalho na agricultura. Discutir a realidade dos idosos no contexto rural possibilita, além de um melhor entendimento sobre como estes sujeitos vivenciam esta fase da vida, que se pensem formas de envelhecer com dignidade, considerando os modos de vida e as particularidades dos mais diversos processos de envelhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento. Idoso Rural. Condições de vida.

INTRODUÇÃO

As pesquisas acerca do envelhecimento e dos idosos têm crescido quantitativamente nos últimos anos. No entanto, é possível visualizar que no Brasil a maioria delas ocorre com a população idosa urbana, de forma que os idosos da zona rural ficam à margem das pesquisas, bem como do acesso a aspectos importantes para sua qualidade de vida, como a saúde, por exemplo. Isso é explicado pela dificuldade de acesso. (TAVARES *et. al.*, 2015).

Tavares *et. al.* (2016) afirmam que o processo de envelhecer das populações urbanas e rural tem muitas semelhanças, no entanto na área rural pode-se encontrar algumas dificuldades significativas, como pobreza, isolamento social, educação e habitação mais precárias, restrição do acesso a transporte e distância dos recursos sociais e de saúde. Bertuzzi, Paskulin e Morais (2012) também reforçam estes aspectos, acrescentando que neste meio há altas taxas de problemas de saúde e dependência.

Na busca de investigar e conhecer um pouco mais a respeito da realidade em que vivem estas pessoas, a Universidade de Santa Cruz do Sul em parceria com o Conselho Municipal do Idoso de Santa Cruz do Sul, vem realizando uma pesquisa intitulada “Estudo socioeconômico e demográfico da população idosa rural de Santa Cruz do Sul, RS”. Este estudo tem como principal objetivo verificar as condições econômicas e sociodemográficas dos idosos no meio rural do município, que é dividido em sete distritos, todos contemplados por esta pesquisa. São eles: Alto Paredão; Saraiva; São Martinho; Rio Pardino; Boa Vista; Monte Alverne e São José da Reserva.

Também se propõe a investigar, junto aos idosos, suas representações sociais sobre a velhice e os traços culturais que marcam suas trajetórias de vida. No entanto, para realizar este levantamento de dados, antes é necessário que se trace um perfil deste idoso do meio rural, através do levantamento de dados secundários. Neste recorte serão apresentados aspectos do perfil do idoso rural do município de Santa Cruz do Sul, relacionados à moradia, renda e educação.

METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada é um estudo descritivo do tipo exploratório. Weiner (2000) explica que a partir deste tipo de pesquisa são obtidos dados a respeito de uma variável para que, posteriormente, possa se buscar explicações e predições a respeito do fenômeno estudado.

Os resultados que serão apresentados neste artigo são baseados em dados secundários, coletados e analisados pelas pesquisadoras a partir de fontes oficiais de pesquisa. Os principais dados foram buscados no site do IBGE, e correspondem ao Censo Demográfico da População de 2010. As pesquisas com dados secundários consistem em usar dados pré-existentes que sejam condizentes ao objeto de estudo em questão. As informações pertinentes sofrem um processo de tabulação e análise. A partir da interpretação dessas informações, é possível produzir conhecimentos a partir de dados dispersos anteriormente. Goulart (1998) explica que a análise de dados secundários normalmente dá conta da formulação de um quadro conceitual, do mapeamento do campo

de pesquisa, da visualização do contexto, e de nortear a construção teórica a respeito de um tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Camarano, Kanso e Fernandes (2016) apontam que o Brasil, assim como os demais países, também vem apresentado mudanças em sua pirâmide demográfica. A população idosa em nosso país em 1980 era formada por 7,2 milhões de pessoas, o que representava cerca de 6,1% do total da população. Conforme dados do último censo demográfico (IBGE, 2010), hoje esse número passou para 20,6 milhões, significando cerca de 11% da população total. (CAMARANO; KANSO; FERNANDES, 2016). Calcula-se que em 2025 haja em média mais de 800 milhões de pessoas com idade superior a 65 anos em todo o mundo. (FECHINE; TROMPIERI, 2012).

Esta nova configuração da população brasileira pode ser explicada através das elevadas taxas de fecundidade nos anos 1950 e 1960, seguidas por uma redução no número de filhos, além da redução da mortalidade em todas as idades no país desde a década de 50. Isso significa que os idosos de hoje têm vivenciado uma época em que a qualidade de vida foi e está sendo melhorada, contribuindo para o aumento da expectativa de vida. (CAMARANO; KANSO; FERNANDES, 2016).

Um fator importante ao se investigar o envelhecimento no Brasil diz respeito ao espaço geográfico dos idosos, isto é, onde encontramos esses sujeitos. O difícil acesso às localidades rurais, menor disponibilidade de serviços de saúde, lazer, bens de consumo e precariedade de políticas públicas reafirmam a necessidade de pesquisas neste espaço. Discutir o sentido da velhice rural torna-se importante não somente em função de uma idade demarcada pelo Estado, que define quando se é velho, mas também em função de verificar em que condições estão vivendo estes idosos, buscando privilegiar seus modos de vida e suas subjetividades. (ALCÂNTARA, 2016).

Pensar o processo de envelhecimento no meio rural é refletir sobre os modos de vida, sobre as condições de poder envelhecer com qualidade e com acesso a bens e serviços. Nos sete distritos rurais onde a pesquisa está sendo realizada, no ano de 2010 (último Censo da população) verifica-se um percentual de idosos elevado em relação ao percentual da mesma população em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul e no Brasil, conforme se verifica na tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Percentual de idosos nas unidades territoriais

Local	Percentual de idosos em relação à população total
Brasil	10,79%
Rio Grande do Sul	13,65%
Santa Cruz do Sul	13,14%
Alto Paredão	13,29%
Boa Vista	19,63%
Monte Alverne	20,55%
Rio Pardiniho	20,30%
São José da Reserva	15,00%
São Martinho	16,94%
Saraiva	19,83%

Fonte: IBGE, 2010.

Hoje, a cidade de Santa Cruz do Sul conta com um percentual de 13,14% de idosos em relação à população total, ou seja, um índice acima da média do país. Se olharmos para o percentual de idosos nos distritos rurais do mesmo município, essa parcela da população é ainda mais significativa, chegando a mais de 20% em dois dos distritos estudados. (IBGE, 2010). Isto nos mostra que, de fato, a população idosa vem aumentando, conforme outros autores já constataram, e referem ser um fenômeno mundial. (MORAES; RODRIGUES; GERHARDT, 2008).

Além do visível aumento da população idosa, é interessante ver o fenômeno do envelhecimento da população rural que, conforme os percentuais encontrados, é mais expressivo do que no município como um todo. Mas mais que isto, nos mostra que neste município as pessoas de mais idade se mantêm em seus locais de origem. Além de reforçar a importância deste estudo, esta constatação suscita o questionamento quanto aos motivos pelos quais esta população é tão evidente neste território.

Alguns autores trazem hipóteses. Froehlich *et. al.* (2011) falam do êxodo rural, explicando que ele ainda ocorre, no entanto foi mais intenso e homogêneo até a década de 80, uma vez que famílias inteiras migravam para o meio urbano. Nas últimas décadas este processo se modificou, e hoje os que mais migram para as cidades são os jovens, de modo que acabam ficando mais idosos no espaço rural.

Também há a questão de que algumas políticas públicas, como a aposentadoria rural, têm permitido a permanência dos idosos neste território. Além disso, a população rural jovem cresceu em meio às dificuldades encontradas para manutenção socioeconômica da produção agrícola, bem como teve maior acesso à escolarização, que tem um viés urbano. Por estes motivos ainda visualizam na cidade a chance de um futuro promissor. (FROEHLICH *et. al.*, 2011).

Apesar de avanços importantes no que se refere aos ganhos de produtividade e rendimento das ocupações agrícolas, é nas áreas urbanas que se concentram as ocupações mais promissoras no que se refere ao destino socioeconômico das pessoas, seja pela perspectiva de estabilidade econômica, seja pelo próprio prestígio social das ocupações (QUADROS; MAIA, 2010. p. 445).

Sakamoto (2013) entende que há um incentivo da vida urbana, o que contribui para o abandono da vida rural pelos jovens. Este fenômeno acarreta a redução dos membros da família, menor força de trabalho e o esgotamento da possibilidade de cuidado com os idosos ser realizada por seus descendentes. Ou seja, além de permanecerem os idosos no campo, estes precisam lidar muitas vezes sozinhos com as demandas da sua propriedade, em uma fase da vida em que normalmente as pessoas começam a necessitar auxílio de outros para algumas atividades.

Diante desta realidade, a população idosa vê muitas vezes sozinha nas propriedades rurais. O elevado índice de idosos na zona rural, se comparado ao ambiente urbano, indica a necessidade de que se investigue sobre as condições de vida destas pessoas, como renda, moradia e educação, para que se conheça de que forma estão vivendo, e para que se pense em formas de fornecer-lhes suporte.

Renda e moradia

O discurso tradicional a respeito do envelhecimento afirma que a família do idoso é sua provedora no que diz respeito aos aspectos econômicos, físicos e psicológicos. Atualmente esta situação já se modificou, tendo em vista a ampliação do desemprego e a precarização da mão-de-obra, realidade que prejudica a estabilidade das famílias, e a necessidade de que os idosos contribuam de forma mais significativa com o orçamento, muitas vezes tornando-se os principais responsáveis. (TAVARES *et. al.* 2011).

Tavares *et. al.* (2011) também sugerem que no meio rural esta contribuição do idoso com o orçamento familiar é ainda mais significativa, destacando que neste espaço a aposentadoria do idoso desempenha um importante papel. Quanto ao valor do rendimento dos idosos, estes autores encontraram em seu estudo que 72,3% dos idosos estudados recebiam um salário mínimo mensal. Em relação à pesquisa nos distritos rurais de Santa Cruz do Sul, os dados apontam que a grande maioria dos idosos recebe entre meio e dois salários mínimos por mês. (IBGE, 2010).

Em sua grande maioria os idosos residentes no campo destinaram suas vidas ao cultivo do solo, retirando da “terra” o sustento de suas famílias e sua própria sobrevivência. Tal panorama acaba por evidenciar condições de vida que nem sempre foram as melhores, mas que vieram a ser amenizadas, sobretudo, com a chegada da aposentadoria rural, através das normativas da chamada “Constituição Cidadã” de 1988. Entre outros muitos direitos conquistados, ela estabeleceu a concessão da aposentadoria rural para mulheres

com 55 anos de idade e para os homens com 60 anos de idade. (SAKAMOTO, 2013).

Alcântara (2016), ressalta que o significado da aposentadoria está na segurança de que o tempo de privação não se repetirá, ou seja, o alimento não irá faltar. Dessa forma, a aposentadoria é sinônimo de dignidade, uma vez que permite o acesso a alguns bens e serviços, e também em muitos casos o sustento de toda a família.

Tabela 2 – idosos responsáveis financeiros por domicílios

Distrito	Percentual de domicílios pelos quais idosos são os principais responsáveis financeiros
Alto Paredão	30,64%
Boa Vista	41,81%
Monte Alverne	46,08%
Rio Pardinho	44,42%
São José da reserva	40,57%
São Martinho	30,41%
Saraiva	43,23%

Fonte: IBGE, 2010.

Se tomarmos como referência a tabela acima, pode-se verificar que os idosos são responsáveis financeiros por boa parcela dos domicílios nos distritos estudados, chegando a 46% dos domicílios em Monte Alverne. Esta expressiva contribuição nos ganhos e despesas do núcleo familiar no qual estão inseridos, permite inferir que a aposentadoria lhes confere a possibilidade de assumir de modo muito significativo as despesas da casa, por vezes sendo provedores dos filhos, netos, genros e noras, por exemplo. Pesquisa realizada no interior do Rio Grande do Sul demonstra que as aposentadorias desempenham um papel muito importante na renda dos idosos e no auxílio as famílias colocando os idosos de ambos os sexos como provedores.

Na pesquisa em análise as mulheres, em sua maioria, tornaram-se chefe de família após a aposentadoria ou a viuvez/pensão, não tendo, portanto se dedicado tanto aos estudos e à profissionalização. O fato de serem provedores, apesar da baixa escolaridade (43% possuem ensino fundamental incompleto), muitas vezes, é avaliado como algo positivo, alguém que apesar de não ter tido estudo, conseguiu vencer na vida, comprar casa e formar família. (AREOSA, 2015,p.178).

Santana e Lima (2012) apontam que já se identifica a renda do idoso como principal fonte de manutenção das despesas familiares e como referência efetiva no pagamento dos gastos, especialmente dos mais jovens. Os mesmos autores afirmam que a dependência econômica dos jovens (0-24 anos de idade) é mais expressiva do que dos idosos, o que está em consonância com a realidade encontrada nos distritos rurais de Santa Cruz do Sul.

Em contrapartida, apesar da aposentadoria representar a efetivação de uma velhice confortável no meio rural, ainda assim o trabalho na terra e as atividades agrícolas de um

modo geral continuam. Por um lado elas representam um complementado rendimento obtido através da aposentadoria, e por outro configura-se como um elemento que mantém a identidade do idoso rural. (ALCÂNTARA, 2016).

Escolaridade

Tabela 3 – Percentual de alfabetização

Local	% de alfabetização dos idosos	% de alfabetização da população total
Santa Cruz do Sul	89,19%	95,37%
Alto Paredão	65,3%	82,67%
Boa Vista	91,82%	92%
Monte Alverne	88,15%	91,3%
Rio Pardinho	88,34%	88,82%
Saraiva	80,61%	88,76%
São Matinho	87,1%	88,49%
São José da Reserva	80,61%	88,76%

Fonte: IBGE, 2010.

Dados sobre escolaridade são importantes para o estudo da velhice, pois desmistificam a ideia de homogeneidade do processo de envelhecimento e permitem compreender como as influências culturais atuam no comportamento dos indivíduos e no desenvolvimento da própria sociedade. A questão da baixa escolaridade nos permite discutir uma época em que a educação não era vista como prioridade na família brasileira. Escolas distantes, de difícil acesso, inexistência de transporte escolar no interior, necessidade de força de trabalho e a pouca instrução dos pais quanto a importância do ensino, incentivavam a desistência da escola e consequentemente revela a baixa instrução dos idosos rurais em nossos dias. (SANTOS; LOPES; NERI, 2007).

Na época em que eram crianças e adolescentes, o acesso à escola secundária e aos cursos superiores era mais restrito do que atualmente, já que o ensino era ainda mais elitista do que hoje. A população rural era maior e, ainda muito jovens, os indivíduos integravam a força de trabalho de suas famílias, dentro e fora de casa. Nesse meio, as escolas eram majoritariamente distantes e escassas. (SANTOS; LOPES; NERI, 2007. p. 77).

Se tomarmos como base a tabela a cima, constatamos que a baixa escolaridade é uma questão presente nos idosos oriundos dos distritos rurais de SCS. Em praticamente todos os distritos percebe-se índices de alfabetização inferiores se comparados com as médias da população total. Os distritos de Rio Pardinho e Boa Vista apresentam percentuais muito próximos aos índices de alfabetização total, em contrapartida o distrito de Alto Paredão se mostra com um índice relativamente inferior se comparado aos demais. Cabe ressaltar que Alto Paredão é o distrito geograficamente mais distante do perímetro urbano

de SCS (50,7 km), onde em um total de 1.741 indivíduos, 181 deles são sujeitos com idade igual ou superior a 60 anos. (IBGE, 2010).

Na pesquisa referida por Areosa (2015, p.178) observa-se que existe uma diferença significativa entre a escolarização de homens e mulheres, “entre os sujeitos do sexo masculino há uma distribuição mais uniforme entre os níveis de escolaridade, porém, entre os sujeitos do sexo feminino há uma concentração maior de mulheres com ensino fundamental incompleto”, a autora faz reflexões sobre as diferenças culturais, uma vez que na época em que estas mulheres se encontravam em idade escolar era mais importante preparar-se para o casamento do que estudar.

A baixa escolaridade dos idosos rurais de SCS corresponde, dessa forma, às discussões apresentadas, visto que, se tomarmos como referência que a educação não era vista como prioridade há algumas décadas no contexto rural, torna-se mais clara a compreensão dos dados apresentados na tabela 3. Portanto, possivelmente a questão da baixa alfabetização dos idosos rurais de SCS, diz respeito a um tempo em que a prioridade de vida do jovem, hoje idoso, era compor a força de trabalho do núcleo familiar de origem, buscar o sustento em atividades agrícolas e posteriormente constituir sua própria família, por meio do casamento.

Conforme Santos, Lopes e Neri (2007), a educação cria oportunidades, e a falta dela ocasionalmente estabelece barreiras na busca por melhorias e qualidade de vida. Dessa forma, se olharmos para a realidade que nos é apresentada constatamos que a baixa escolaridade pode estar relacionada às condições de vida desses sujeitos hoje e, conseqüentemente, às formas de vivenciar a velhice no contexto rural.

Os baixos índices de alfabetização dos idosos rurais remetem a um cenário em que a educação se referia ao aprender minimamente ler e escrever, condição suficiente para a época. Hoje, os efeitos da baixa escolarização desses sujeitos, nos apresentam uma população rural em que a renda gira em torno dos proventos da aposentadoria, em um contexto que dificulta um envelhecimento ativo e a busca por qualidade de vida.

Passagens curtas e não sistemáticas pela escola, nos direcionam também, a questão do analfabetismo funcional. No Brasil os índices de analfabetismo funcional chegam a 49% das pessoas com mais de 60 anos, entre estas 18% não receberam educação formal e, 89% não concluíram o ensino fundamental. (CACHIONI; TODARO, 2016).

Portanto, tal conjuntura contribui para que o idoso do meio rural esteja não apenas caracterizado por diversidades, mas também marcado por desigualdades sociais. Visto que, a educação exerce papel inquestionável na autonomia e independência dos indivíduos, assim como possibilita o acesso a melhores condições e qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À margem do acesso a bens e serviços, os idosos do meio rural ficavam também menos contemplados por pesquisas. Este levantamento inicial acerca da realidade em que vive esta população ressaltou a importância de que se pesquise e se conheça sobre o assunto, uma vez que os dados obtidos e analisados até o momento revelam um grande percentual de idosos vivendo na zona rural.

A velhice no meio rural em Santa Cruz do Sul tem aspectos em comum com a velhice do meio urbano como, por exemplo, o grande contingente de idosos que são responsáveis financeiros pelos domicílios onde residem. No entanto, alguns aspectos se diferenciam, como o menor índice de alfabetização se comparado à população total do município.

A partir do melhor conhecimento da população idosa rural, pode-se traçar planejamentos e estratégias para lidar com esta condição de menor status socioeconômico, menor acesso a instrução formal, e de pouco acesso a serviços de saúde e recursos sociais enfrentada por eles no dia a dia. (TAVARES *et. al.*, 2016).

Reafirmamos aí, a importância de estudos que investiguem tais sujeitos. Visto que, o desconhecimento desse espaço acaba por alimentar uma visão antiga e estigmatizada de que o meio rural é demarcado por fragilidades, desconsiderando dessa forma, suas especificidades e a noção de que vivemos em um tempo de intensas mudanças. Sendo assim, o significado de velhice no campo também vem se transformando.

Portanto, através do recorte de dados elencados, falar hoje de idosos rurais em SCS é tratar de um conjunto de indivíduos que representam uma parcela significativa da população, que da mesma forma contribuem consideravelmente na renda de seus núcleos familiares, mas que em contrapartida possuem índices de alfabetização relativamente baixos.

Uma aposta para uma melhor compressão das particularidades que permeiam a velhice no interior de SCS está no “Estudo socioeconômico e demográfico da população idosa rural de Santa Cruz do Sul, RS”. À medida que a pesquisa for se concretizando, o conhecimento a respeito do que é ser velho no meio rural de Santa Cruz do Sul também se ampliará, garantindo assim, uma melhor compressão das formas de vida e do significado de velhice para essas pessoas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana. Envelhecer no contexto rural: a vida depois do aposento. In: ALCÂNTARA, A.; CAMARANO, A.A; GIACOMIN, K.C. (Org). *Políticas Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p. 323-342.

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho. Idosos Provedores: a importância dos recursos da aposentadoria para as famílias brasileiras. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.45, p.173-184, jul./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.5527>

BERTUZZI, D; PASKULIN, L.G.M; MORAES, E.P. Arranjos e Rede de Apoio Familiar de Idosos que vivem em uma Área Rural. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 21, n.1, p. 158-166 -Florianópolis Jan./Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000100018>. Acesso em: 11 abr. 2017.

CACHIONI, M; TODARO, M.A. Política nacional do idoso: reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. In: ALCÂNTARA, A.O; CAMARANO, A.A; GIACOMIN, K.C. (Org). *Políticas Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016, p.175-198.

CAMARANO, A.A; KANSO, S; FERNANDES, D; Brasil envelhecer antes e pós-PNI. In: ALCÂNTARA, A.O; CAMARANO, A.A; GIACOMIN, K.C. (Org). *Políticas Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA,2016, p. 63-103.

FECHINE, B.R.A; TROMPIERI, N; O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *Inter Science Place*, ed.20, v 1, n. 07, p. 106-132 – Ceará, Jan/Mar 2012. Disponível em: <http://ftp.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/196/194> Acesso em: 05 jul. 2017.

FROEHLICH, J. M. *et. al.* Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. *Ciência Rural*. Santa Maria, v. 41, n. 9, p. 1674-1680, 2011. Disponível em: <www.redalyc.org/html/331/33119939031/>. Acesso em: 12 jul. 2017.

GOULART, Íris. Estudos exploratórios em Psicologia organizacional e do Trabalho. In: GOULART, Iris Barbosa; SAMPAIO, Jader dos Reis (orgs.) *Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Nível territorial – Distrito, 2010*. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Acervo?nivel=10&unidade=431680807#/S/Q>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

MORAES, E.P; RODRIGUES, R.A.P; GERHARDT T.E.; Os idosos mais velhos no meio rural: realidade de vida e saúde de uma população do interior gaúcho. *Texto e Contexto Enfermagem*, v.17, n. 2, Florianópolis, p. 374- 383, abr/jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000200021>. Acesso em: 19 abr. 2017.

QUADROS, V.J; MAIA, A.G. Estrutura Sócio Ocupacional no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 443-468 , set/dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141598482010000300001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 abr. 2017.

SANTANA, N. C. G.; LIMA, I. M. S. O. A nova velhice do provedor. *Mediações*. Londrina, v. 17, n. 2, p. 181-195, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14029/11840>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

SANTOS, G.A; LOPES, A; NERI, A. L; Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: NERI, Anita Liberalesso (Org). *Idosos no Brasil Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo SESC, 2007, p. 65-90.

SAKAMOTO, Camila Strobl. *Mudanças na composição das famílias e impactos na distribuição de rendimentos: um comparativo entre áreas rurais e urbanas no Brasil*. 2013. 138 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em desenvolvimento econômico)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/286500/1/Sakamoto,%20Camila%20Strobl_M.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

TAVARES , D. M. S. *et. al*. Socio-demographic characteristics and quality of life of elderly patients with systemic arterial hypertension who live in rural areas: the importance of nurses' role. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 515-522, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000200515>. Acesso em: 02 maio 2017.

_____. Qualidade de vida de idosos rurais e fatores associados. *Rev. Enferm. UFPE online*. Recife, v. 9, n. 11, p. 9679-9687, 2015. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:9x6E0Sf_HA8J:www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/6677/13366+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-ab>. Acesso em: 20 abr. 2017.

TAVARES, V. O. *et. al*. Interfaces entre a renda dos idosos aposentados rurais e o contexto familiar. *Textos & Contextos*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 94-108, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3215/321527168008/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

WEINER, Ricardo. A pesquisa quantitativa em psicologia: delineamentos possíveis e a questão da amostragem. In: SCARPARO, Helena (Org.). *Psicologia e pesquisa: perspectivas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2000, p. 17-34.